

### CLIMA

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Capital ficou sem acesso às cidades vizinhas pelo Centro Histórico, mas uma força-tarefa integrada pelo poder público e iniciativa privada garantiu a ligação à Região Metropolitana

## Logística travada gera falta de insumos no RS

### Foram necessárias medidas emergenciais como a construção do corredor humanitário em Porto Alegre

O desastre das enchentes segue provocando gargalos logísticos no Rio Grande do Sul. Indústrias que tentam operar sofrem com a falta de parte dos insumos e registram atrasos na entrega de pedidos, dizem lideranças empresariais ouvidas pela Agência Folhapress.

As fortes chuvas bloquearam rodovias, arrancaram pontes e inundaram o aeroporto Salgado Filho, que foi fechado para pousos e decolagens em Porto Alegre até fim de agosto.

Tudo isso dificulta a chegada e a saída de mercadorias das fábricas que não estão alagadas e que buscam manter as operações.

“Tem algumas coisas que já começaram a faltar”, diz Claudio Bier, presidente do Simers (Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no Rio Grande do Sul), ao tratar das dificuldades no abastecimento de insumos.

Segundo ele, o maior gargalo

logístico para o setor no momento é o bloqueio de estradas, embora o fechamento do aeroporto também atrapalhe, já que uma parcela das matérias-primas é transportada por aviões.

De acordo com o empresário, o Rio Grande do Sul responde por cerca de 65% da produção nacional de máquinas e implementos agrícolas.

“Temos indústrias espalhadas no Estado inteiro. Em algumas zonas, a enchente não foi tão violenta como na Grande Porto Alegre e nos vales do (rio) Caí, do Taquari e do Jacuí”, afirma.

“Há empresas que ficaram debaixo d’água e empresas que não estão debaixo d’água, mas os funcionários não conseguem chegar. O terceiro problema, que está afetando quase todas, é a logística”, completa.

Os impactos da crise também atingem a indústria elétrica e eletrônica. “É uma situação bem complicada, tanto para importação quanto para exportação”, aponta Regis Haubert, diretor regional da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica) no Rio Grande do Sul.

O setor depende bastante do transporte aéreo e marítimo para obter insumos, já que cerca

de 80% dos componentes eletrônicos são importados, principalmente da Ásia, diz o empresário.

“Algumas empresas já estão com o atendimento a clientes atrasado. Como o caos da enchente atingiu muitas cidades, muitas empresas estão operando com 50%, 60%, 70% da capacidade.”

“Isso implica diretamente na produção e na capacidade de pedidos e contratos. É uma somatória de fatores que vai complicando cada vez mais as indústrias em geral no Estado”, acrescenta.

Com o fechamento do Salgado Filho, companhias do setor elétrico e eletrônico buscam alternativas para driblar as dificuldades. Uma saída é recorrer a importações via transporte aéreo até o aeroporto de Guarulhos (SP), segundo Haubert.

Em seguida, as cargas são levadas em caminhões até o Rio Grande do Sul, diz o empresário. “De certa forma, a gente está conseguindo suprir (a demanda) com alguns atrasos inerentes à logística.”

Outra indústria com relevância no Estado é a de móveis. A Movergs (Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul) afirma que a maio-

ria do setor trabalha com estoque de matérias-primas. Apesar disso, vê possibilidade de “ruptura na produção” por falta de alguns itens no prazo de 15 a 20 dias.

“Em geral, empresas que possuem centro de distribuição em outros estados mantiveram seu faturamento e entrega”, declara a entidade em nota assinada pelo presidente Euclides Longhi.

“As centradas no Rio Grande do Sul estão buscando rotas alternativas para escoar a produção e já conseguem realizar entregas em São Paulo - mesmo que os prazos possam ser um pouco mais longos.”

A Movergs diz que ainda está realizando um levantamento sobre os efeitos da crise. Com sede no Rio Grande do Sul, a Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados) também está produzindo uma pesquisa sobre o tema.

“Sabemos que o impacto é muito forte na cadeia produtiva, mas será somente com a pesquisa que poderemos ter noção exata do número de fábricas e trabalhadores atingidos pelas enchentes”, afirma o presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, em nota.

Segundo a entidade, o Rio Grande do Sul é o maior exportador e o segundo maior produtor de calçados do País. O Estado tem em torno de 1.800 empresas, que empregam diretamente cerca de 85 mil pessoas.

A Abicalçados também participa de um movimento recém-lançado, o Próximos Passos RS. A iniciativa busca reconstruir o ecossistema de couro e calçados no Estado.

A Abia (Associação Brasileira da Indústria de Alimentos) declara em nota que não vê risco iminente de desabastecimento no Rio Grande do Sul.

A entidade, porém, reconhece que as condições climáticas têm afetado as operações logísticas. Ainda de acordo com Abia, isso poderá impactar tanto a população local quanto os demais estados que recebem produtos gaúchos.

Além do destaque na produção de arroz, o Rio Grande do Sul também tem relevância no abastecimento de proteínas animais (carnes), laticínios, óleos e gorduras vegetais, chocolates, moagem de trigo, suco de uva e frutas de clima temperado, sinaliza a associação.